

PENSANDO A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA A LEGITIMAÇÃO DE IDENTIDADE E RECONHECIMENTO DA CULTURA SURDA NA AMAZÔNIA TOCANTINA

Deucilene Barros Dutra ¹

Aline Correa de Barros da Costa ²

RESUMO

Dentro deste trabalho fundamentado em uma pesquisa bibliográfica qualitativa, pretende-se fazer uma breve abordagem histórica da luta do surdo pelo seu espaço na sociedade, desde de regiões mais desenvolvidas até as menos desenvolvidas economicamente do Brasil. Compreender por onde começa esse processo de exclusão, como funciona e quais podendo utilizar a educação ainda como forma de combate a ele que podem ser trabalhadas de dentro para fora da escola como afirma Golfield (2002). Como deve se dar o processo de conscientização e sensibilização pela identidade e cultura do sujeito surdo de modo que ambas venham a ser reafirmadas e legitimadas na sociedade que as cerca sendo esta mista de surdos e ouvintes. Pretende-se aqui repensar a necessidade de se trabalhar a legitimação de Identidade e cultura nas comunidades que residem no baixo Tocantins por meio da educação analisando a situação a nível nacional e regional (Amazônia) e posteriormente local (Amazônia Tocantina) segundo Albuquerque e Brasil (2014) onde a educação é fragilizada e como isso contribui para legitimação do preconceito para com este sujeito surdo. Conhecendo então a essência da prática ouvintista nessas escolas é possível propor meios e métodos de desconstruir essa prática excludente com relação ao sujeito surdo. A educação pode ser utilizada nesses meios como mediadora e transformadora da visão consciente que paira sobre aquela comunidade local gerando a sensibilização, capaz de quebrar barreiras ideológicas que fragmentam uma comunidade que vive sob essas práticas de exclusão, seja no centro urbano ou no interior.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Identidade e Cultura Surda, Legitimidade, Amazônia Tocantina.

INTRODUÇÃO

Na Amazônia Tocantina existe um embate relacionado a frágil educação básica que ao invés de se desenvolver “Conceitos” dentro das próprias escolas desenvolvem-se os preconceitos principalmente com o sujeito aqui em questão que será enfatizado que é o sujeito surdo. Neste rumo para tentar compreender melhor como se desenrola esse contexto é preciso

¹ Graduanda em Pedagogia(UFPA) . Bolsista da Divisão de Inclusão Educacional –DIE –da Universidade Federal do Pará-Campus Cametá. Pesquisadora do Grupo de estudos Surdos da Amazônia Tocantina - GESAT, lenebdeucy@gmail.com;

² Graduada em Pedagogia(UFPA/2018). Especialista em Educação Inclusiva no Campo (UFPA/2019). Pedagoga da Divisão de Inclusão Educacional –DIE –da Universidade Federal do Pará-Campus Cametá. Pesquisadora do Grupo de estudos Surdos da amazônia tocantina - GESAT, aline.barrosdacosta@gmail.com

buscar uma análise histórica da situação em questão. Pois sabe-se que não surge necessariamente nesta região, mas que isso é consequência ainda da colonização, ver o sujeito surdo como sujeito impotente e incapaz é subjugar-lo a uma identidade que ele mesmo não construiu, mas sim, lhe foi atribuída e imposta pela sociedade não alfabetizada culturalmente. Falando em “Alfabetização Cultural” este é um dos elementos essenciais para recriar meios de enfraquecer a visão subalternizadora que hoje a sociedade brasileira retém com o sujeito surdo dentre outros sujeitos atingidos pela dicotomia de raça, gênero, etnias e etc. Haja vista, que o Brasil é um país recheado de diferenças culturais que por consequências da construção de um processo histórico hegemônico, marginaliza o sujeito que identifica como diferente.

PINHEIRO (2014) afirma, “ A cultura surda, inventada e fortalecida em movimentos surdos organizados e discursos acadêmicos nacionais parece estar sendo amortizada nessa região. ” A autora afirma que apesar de diversos estudos e pesquisas que se volta par ao âmbito, educação e cultura surda, o cenário hostil, permanece o mesmo para o surdo na região norte do país. Eis aí uma questão angustiante, porque apesar dos avanços que se deram em torno deste eixo temático, na região norte o preconceito ainda é disseminado progressivamente.

Pretende-se contudo estudar as origens do preconceito contra o aluno surdo arraigado dentro das escolas da região amazonico-tocantina, para que partindo dessa premissa possa se refletir sobre ações que desconstruam essas práticas excludentes que vem se construindo no âmbito educacional.

É preciso criar ainda mais políticas públicas para o fortalecimento dessa cultura e Identidade surda presente na região e o presente trabalho faz menção a situações onde emergem o preconceito contra surdo na região da Amazônia tocantina, propondo o aprofundamento dessa reflexão, por meio de uma pesquisa a priori bibliográfica que poderá futuramente estar evoluindo para a pesquisa de campo por haver a emergente necessidade de acompanhar a realidade da Educação de Surdos na Amazônia tocantina numa visão mais local, e desenvolver melhor estes questionamentos e ponderações a respeito de como se constrói essa atmosfera hostil da comunidade tocantina para com o surdo, isso apesar de haver, diversos pesquisadores no ensino superior que vêm se propondo aprofundar suas pesquisas na área, como exemplo apresentamos o GESAT/UFPA³- Grupo de Pesquisa de Estudos surdos da Amazônia tocantina que promove todos os anos desde 2015 vem

³ Universidade Federal do Pará.

promovendo um seminário (SESAT) Estudos que leva ao público informações a respeito do resultados de suas pesquisas. Grupos como estes vêm se construindo no decorrer da percepção dessa problemática que abrange a região tocantina nesse sentido torna-se notável a considerável contribuição da instituição de ensino superior da região atuando para promover a inclusão no local em questão.

Para compreender ações de construção e desconstrução de conceitos na educação de Surdos, me utilizo de Goldfield (2002) em se tratando da educação de surdos no Brasil, pois a autora trabalha numa visão e objeção bem ampla sobre as dificuldades em que os educandos surdos se encontram neste país.

Para pensar esta problemática a nível regional me utilizo de PINHEIRO(2014), que em sua pesquisa se desdobra para a questão das regiões amazônicas, a escolaridade e o grau de ilegitimidade em que se encontra a construção da identidade surda, a desvalorização de sua língua quanto característica cultural do sujeito surdo e frágil educação que lhe é ofertada. Nesses solos áridos de conhecimento é que se reproduz a desigualdade e o desrespeito pela diferença, onde o sujeito marginalizado pela cultura massificada vê-se obrigado a aderir ou adaptar-se uma nova cultura que não é legalmente a sua, mas assim o faz para não se sentir tão excluído. Ou seja, visando interagir e participar da comunidade o surdo arduamente busca a sua readaptação e a reconstrução de sua identidade cultural baseada em uma outra visão que não é a de um surdo, mas sim de um ouvinte e nisto ele em diversos momentos da trajetória humana e como ser social irá se prejudicar, limitando sua visão de mundo no viés diferenciado e torna-se sujeito conformado em vez de transformador de sua própria realidade.

METODOLOGIA

A seguinte pesquisa qualitativa objetiva investigar a construção do preconceito projetado pelo ouvinte contra o sujeito surdo verificando as raízes históricas que se consolidam em salas de aula e que de acordo com Pinheiro (2014) é muito comum nas escolas interioranas que têm uma organização interdependente das redes municipais (zona urbana) de ensino, Albuquerque e Brasil (2014). Assim sendo no segmento currículo há divergências por conta das características peculiares que cada uma apresenta de acordo com a realidade local. Refletindo sobre a situação atual, crendo e afirmando que, embora hajam as questões apontadas como dificuldades nessa nossa região da Amazônia Tocantina, é possível também haver expectativa na mudança que o próprio professor como pesquisador ao descobrir as condições que geram

sujeitos ouvintistas, pode desenvolver nos ouvintes a sensibilização utilizando a educação como estrategicamente reconstrutora da visão inclusiva para com o sujeito surdo. O presente trabalho vem apontar a educação como capaz de construir, desconstruir e reconstruir conceitos e/ou preconceitos.

Outras autoras que faz jus em ser mencionadas com ênfase no presente texto são Albuquerque e Brasil (2014), trazendo abordagens bastante sucintas das vivências em escolas na região amazônica e as experiências que trouxeram à tona diversas problemáticas também relacionadas à frágil educação do contexto educacional amazônica que gera a exclusão disfarçada de inclusão nessa afirmativa dicotômica é que se percebe a emergente necessidade de pensar numa possível reestruturação que parta da premissa educacional sistema e venha posteriormente abarcar a rede pública municipal de ensino, haja vista, que as escolas interioranas estão associadas e ligadas numa relação completamente dependente às escolas do município, que por sua vez, volto a ratificar são parte de uma estrutura maior que é o sistema educacional que norteia a educação brasileiro, dentro dessa ponderação pode-se se afirmar então que a frágil educação que reproduz e segrega quando deveria unificar, parte de um contexto bem mais amplo que repercute lentamente a nível local, mas de qualquer interfere significativamente na escola que se quer ter uma escola onde haja consciência da diversidade cultural, racial, e etc. e que essa diferença precisa estar em evidencia e não ser silenciada, nesse engajamento crítico cultural e identitário fomentamos a filosofia freiriana que importantíssima para a construção de uma escola democrática e que possui liberdade cultural, um ambiente em que todos identifiquem as diferenças como algo comum aos demais sujeitos que se inter-relacionam e não com barreira delimitadora de relações sociais constituindo um ambiente estéril e hostil fundamentado no preconceito e no fascismo.

Análise Histórica Da Educação De Surdos No País E Suas Comparações Com A Situação Regional.

A partir da década de 1980, começa a surgir uma nova visão em relação ao surdo e à língua de sinais. Percebe-se a necessidade de valorizar esta língua e sua cultura [...] surge então uma nova filosofia educacional para surdos, em que o bilinguismo apresenta-se como base de ensino e aprendizagem. (GOLDFIELD,2002, p.15)

A afirmativa acima desvela uma realidade que se desprende lentamente até a atualidade onde finalmente se põe em evidencia a necessidade da valorização da língua e, portanto, da cultura surda, a partir de 80 refaz-se o olhar para o sujeito surdo, como ser de direitos, dotado de habilidades e conhecimentos e possuidor de uma cultura peculiar que o caracteriza como diferente. Partindo disso busca-se novos meios para se implementar em sua educação visando o desenvolvimento desse sujeito intrínseco a educação que o mesmo recebe, percebe-se a educação como esse meio capaz de gerar o conhecimento de acordo com seus métodos utilizados.

Os profissionais do Brasil estão acompanhando todas essas mudanças e, atualmente, atuam produzindo conhecimento científico seguindo pressupostos das três filosofias educacionais. (GOLDFIELD,2002, p.15)

Por esta fala entende-se que não é de hoje que o Brasil vem trabalhando numa perspectiva inclusiva, nesse momento vários pesquisadores de diversas áreas do conhecimento se despertam para pensar, estudar e compreender quem é o sujeito surdo e como esse sujeito pode estar evoluindo por meio da educação que recebe de acordo com a corrente filosófica a qual ela pertence.

No entanto a realidade do surdo brasileiro ainda é muito precária, muitos não têm acesso a tratamento fonoaudiológico especializado e, a não ser em grandes centros urbanos. (GOLDFIELD,2002, p.15)

Infelizmente a citação acima corrobora que apesar de esses avanços terem acontecido e chegado ao Brasil, a realidade hoje, ainda é repressora para o surdo tanto na educação, como em sua preparação informal, para a sociedade além disso, ainda há alguns impasses que impedem a evolução no funcionamento da educação e inclusão de surdos na escola e fora dela.

Goldfield, deixa bem claro sua visão a respeito da situação em que se constrói essas metodologias de inclusão e como elas estão limitadas aos centros urbanos, deixando a desejar nas regiões interioranas. Eis aqui uma das razões pelas quais vem se construindo um cenário divisor nas regiões como está aqui sendo abordada, é claro que a luta é dicotômica e existem dois lados que agora resistem, não é somente o lado hegemônico, mas através de trabalhos desenvolvidos por grupos de pesquisa anexados ao nível superior que muito tem contribuído para o esclarecimento de quem é o ser surdo e como este sujeito pode estar sendo incluso na sociedade que vive. Embora haja o esforço para preparar o surdo ensinando-o a resistir as

demais culturas, isto é, em especial a Cultura Ouvintista que o reprime, este sujeito surdo no decorrer de sua infância, adolescência, juventude e etc, ainda passará por diversas dificuldades até conseguir se construir como sujeito se a ele não for oportunizada uma educação baseada no bilinguismo, corrente filosófica que dá ao surdo as ferramentas necessárias para sua completa comunicação com os demais sujeitos e sua autoafirmação na sociedade como afirma Golfield.

O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias. A noção de que o surdo deve, a todo, custo tentar a modalidade oral da língua para poder se aproximar o máximo possível do padrão de normalidade é rejeitada por esta filosofia. Isto não significa que aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo, ao contrário, este aprendizado é bastante desejado, mas não é percebido como o único objetivo educacional do surdo nem como uma possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez. (GOLDFIELD, 2002, p. 43)

com isso aprendemos que o surdo como sujeito dotado de diferenças tem por meio de sua língua, uma cultura própria que deve ser respeitada e valorizada, não é simplesmente impor uma outra cultura existente para um sujeito que historicamente vem sendo marginalizado na sociedade é preciso ampará-lo e dar a ele o máximo de condições para exercer os seus direitos e lhe garantir qualidade de vida, conduzi-lo dessa forma a pensar criticamente a reconstruir-se e identificar-se com sua comunidade e não se limitando a esta comunidade, mas interagindo com toda comunidade em que o mesmo convive.

Urge buscar vias que lhe garantam ensino com qualidade para que nesse processo de construção do conhecimento este sujeito surdo se encontre construa e alicerce sua identidade cultural. A educação é um dos meios de se gerar a sensibilização e a conscientização, porque a inclusão não é uma via de mão única, ela não se constrói sozinho por uma única comunidade, mas quando todas as que estão minimamente sendo contempladas pelo poder público se despertam para se fazer notórias na sociedade, isso embora a hierarquia dominante busque a todo custo enfraquecer essa ideia de multiculturalismo crítico de resistência defendido por Mc Laren (1997 apud PANSINI E MENEZES, 2008, P. 35). Segundo o autor existem outras vertentes multiculturalistas, dentre elas a qual mais se aproxima é esta acima mencionada, por possuir características que emanam dos anseios das classes populares.

O multiculturalismo crítico levanta a bandeira da pluralidade de identidades culturais, a heterogeneidade como marca de cada grupo e opõe-se à padronização e uniformização definidas pelos grupos dominantes. Celebrar o direito à diferença nas relações sociais como forma de assegurar a convivência pacífica e tolerante entre os indivíduos caracteriza o compromisso com a democracia e a justiça social, em meios às relações de poder em que tais diferenças são construídas. Conceber, enfim, o multiculturalismo numa perspectiva crítica e de resistência pode contribuir para desencadear e fortalecer ações articuladas a uma prática social cotidiana em defesa da diversidade cultural, da vida humana, acima de qualquer forma discriminatória, preconceituosa ou excludente. (SILVA E BRANDIM, 2008, p.64)

Ao que diz respeito à questão da luta de classes que se enfrenta atualmente no Brasil, não se deve desconsiderar que há muitas conquistas já alcançadas, mas que estas não representam ainda metade dos direitos da comunidade surda, para que a mesma possa beneficiar-se e que aliás, vale lembrar que, nas regiões micro ou interiores quase não se encontra a organização de Comunidades Surdas, o que contribui para o aumento da estigmatização do sujeito surdo onde o mesmo se encontra inserido, sendo que com uma comunidade organizada os sujeitos surdos de uma determinada região passam resistir à cultura ouvintista em defesa de seus direitos como sujeito de valores e na união desses sujeitos para construir a sua comunidade que os mesmos se fortalecem em busca de seus objetivos. É muito provável que esse seja um dos maiores motivos da segregação de surdos na região tocantina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer dessa pesquisa bibliográfica identifiquei vários pontos que são extremamente determinantes para a compreensão de como se gera e como acontece a construção do sujeito ouvinte estigmatizador da cultura surda. Os fatores que contribuem para a formação de estão muito ligados à formação que este sujeito recebe na escola, principalmente se tratando da educação da forma em que se dá no contexto amazônico, uma educação que se percebe como precária e de pouca qualidade na educação básica. Uma vez que a região Amazônica é rica em áreas campestres não se pode deixar de discutir também a educação camponesa que integra-se a este conceito de educação de surdos da Amazônia, inclusive a terminologia Amazônia Tocantina está associada às cidades e comunidades ribeirinhas e também campestres da referida região. FRANÇA (2007, p.77), afirma:

Como a maioria do restante do país, a educação do campo não existe na região; o que existe são poucas escolas no campo com uma pedagogia urbana, sem compromisso com o ser camponês enquanto sujeito. Os municípios continuam desenvolvendo práticas reacionárias, sem levar em conta os interesses e as experiências já existentes da sociedade camponesa. Tais experiências se constituem em práticas pontuais, que muitas vezes desqualificam todo o acúmulo e a riqueza cultural das populações rurais no que se refere à educação, não surtindo mudanças significativas.

As dificuldades encontradas em nossa região com respeito a educação que concebemos, ainda é grande e não há propostas pensadas na educação básica que contemple a singular e difícil realidade da educação campestre que é extensa nessa região. Como se percebe a discussão desse problema é recente e precisa de mais pesquisas que refutem a afirmativa que denuncia a falta de ação das poucas políticas já existentes na região e necessidade de se criar novas que venham corresponder aos anseios da região amazônica.

Pois nesta proposição de embate enfocamos a diversidade linguística e concernente a este aspecto reafirmamos a língua de Sinais como responsável pela cultura do sujeito surdo, assim compreendemos que se a sua língua é atacado ou rejeitada, automaticamente sua pluralidade cultural está ameaçada. RODRIGUES (2007) diz que, “Do ponto de vista antropológico, a linguagem é marca de identidade dos seres humanos. Por meio dela, pode-se depreender a região da qual provêm as pessoas, sua classe social, suas concepções religiosas, sua maneira de ver e determinar o mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção identitária do sujeito surdo vem se moldando lentamente face ao cenário do século XXI, que vem se ajustando frente às resistências das “minorias” que compõem a diversidade cultural do país. A incansável luta pela conquista de seu espaço ocorre por meio da educação que Universidade Pública vem propondo para valorização de classe e de cultura, avançando em suas pesquisas e contribuindo significativamente para a transgressão do sujeito que antes se encontrava adormecido perante a sociedade opressora e agora causa nele o despertar sobre si, o autodescobrimento e sua construção de personalidade, reafirmando sua autonomia diante da voraz mecanização de ideias regidas pelo sistema capitalista que domina nossa sociedade, contudo não se deve consentir com tal ato que anula a nossa individualidade, que é uma característica importantíssima na questão valorativa social considerando a alteridade que é fator responsável pela construção de uma

identidade verídica e pura no sentido de ser influenciada por outras, mas perceber a sua por entende-la como diferente de outras e que as identidades, culturas, etnias, raças que estão presentes na constituição da nação brasileira são relíquias históricas dessa diversidade que compõe o Brasil, a nível regional e a nível local essas identidades culturais vêm se estabelecendo e conquistando lentamente seu espaço por meio de lutas e resistências.

É muito importante que se pense uma educação sob uma perspectiva inclusiva, por haver necessidade de reconhecer as diferenças e que elas não podem ser ocultadas e sim valorizadas, a Língua de Sinais Brasileira é um elemento determinante na cultura surda e precisa ser respeitada, trabalhada e reconhecida na educação brasileira, isto como uma forma de criar caminhos mais acessíveis que possam de fato legitimar e reafirmar a identidade do sujeito surdo ainda em sua construção escolar como sujeito crítico que possa exercer dignamente sua cidadania como qualquer outro sujeito ouvinte. É preciso haver também propostas que respeitem a diferença do surdo, propor uma formação digna é viabilizar para ele caminhos que favoreçam algo mais do que aprendizagem é lhe oportunizar um ambiente harmônico e produtivo, consciente e sensível por parte do próprio alunato que o cerca, onde esse alunato ouvinte possa aprender na escola também a LIBRAS para que não venha futuramente criar qualquer tipo de estigma ou preconceito contra a pessoa surda, mas venha ter acesso a língua de sinais, gerar respeito sujeito surdo e se disponha não só o alunato como também o docente a aprender e ensinar, percebendo a beleza da cultura surda, seja a nível de Brasil seja a nível de Amazônia e nos mais esquecidos interiores que são parte da nação brasileira e possuem uma cultura e uma identidade que jamais deve ser negligenciada, ocultada ou silenciada. É preciso buscar meios que desconstruam essa cultura silenciadora que foi criada por uma classe dominante, para calar as demais classe tornando-as subalternas, sobretudo, a resistência é contínua e a educação superior pública juntamente com os movimentos sociais continua a lutar pela disseminação da consciência de igualdade e respeito pela diversidade cultural que cada vez mais cresce no país e torna-se tesouro simbólico da nação.

REFERÊNCIAS

MENEZES, Waléria. O Preconceito Racial e suas Repercussões na Instituição Escola. Disponível em: maringa.odiarario.com/.../o-preconceito-racial-e-suas-repercussoes-na-. Acesso em: 20 mai. 2019.

PINHEIRO, Daiane. Cultura Surda Em Uma Região Amazônica: A Diferença Narrada Pelos Surdos , Santarém. Revista Exitus. V.5. N 2. P.183-193, 2015.

PERLIN, Gladis and STROBEL, Karin. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo.** Educar em Revista. [online]. 2014, n.spe-2, pp.17-31. ISSN 0104-4060. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.37011>.

PANSINI, Flávia, NENEVÉ, Miguel. Educação Multicultural e Formação Docente. Disponível em : www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1article/pansini_neneve.pdf. Acesso: 15 de mai. 2019.

SILVA, Maria José Albuquerque, BRANDIM, Maria Rejane Lima, Multiculturalismo e Educação: em defesa da diversidade cultural. Diversa. Ano1, http://campuscameta.ufpa.br/images/textos/educacaocampo_amazonia.pdf

SILVA, Gilmar Pereira da, org. Educação do Campo na Amazônia: uma experiência. Belém: EDUFPA. 2007.